

«Tribuna do Vate»

António Manuel Couto Viana – Pseudónimo literário «**Couto Viana**» nasceu em Viana do Castelo em 1923 e morreu em Lisboa, a 8 de Junho de 2010.

Além de poeta foi encenador, ensaísta, memorialista, tradutor, gastrónomo e autor de livros para crianças. Dirigiu com David Mourão-Ferreira e Luís de Macedo as célebres folhas de poesia *Távola Redonda*, dirigiu as revistas *Graal* e *Camarada* (infanto-juvenil), integrou o corpo redactorial da *Tempo Presente*, colaborou em vários órgãos de imprensa cultural, exerceu assídua actividade no âmbito do espectáculo como actor, cenógrafo, figurinista.

Encenou e dirigiu companhias de ópera do Teatro S. Carlos e no Centro de Ópera do Porto. Em Macau foi docente do Instituto de Cultura.

Publicou mais de uma centena de livros e a sua poesia está traduzida em francês, inglês, espanhol e chinês. Também recebeu vários prémios literários, designadamente o prémio Antero de Quental, dois prémios António Pinheiro e o prémio nacional de poesia em 1960.

David Mourão-Ferreira diz-nos que a obra de Couto Viana “mostra-se deveras significativa no panorama da lírica portuguesa do século XX, não só pela descon-fiança perante o poema, mas também perante o poeta, e a sua arte consumada versificatória só em raríssimos dos seus coetâneos encontrou adequada correspondência”. E este notável crítico literário afirma que Couto Viana revelou -se “um ensaísta de raro mérito com um conhecimento impar de certos vultos esquecidos da poesia portuguesa”.

O Prof. Manuel Antunes considera que “a sua poesia é a expressão de um temperamento. E quando a poesia se revela assim, vivencial, podemos estar seguros de que, grande ou pequena, durará. Possui autenticidade”.

Seu pai, Manuel dos Passos Couto Viana, foi publicista e pintor, muito ligado ao nosso primeiro modernismo, muito conceituado em assuntos de Viana e Alto Minho e indefectível propugnador da causa monárquica.

Sua mãe, D. Maria Romana González de Lena Y Carreño, asturiana de Oviedo, senhora prendada, colega de Sarah Afonso, incutiu em seus filhos (Maria Manuela, Maria Adelaide e António Manuel, por ordem decrescente), desde tamanhos, o gosto pela poesia, recitando-lhes e ensinando-os a admirar os nossos bons poetas, sobretudo os íntimos da Família (António Correia d' Oliveira e Pedro Homem de Mello, entre outros) e aqueles já falecidos cujos laços afectivos perduravam: Cesário Verde, António Nobre, António Feijó, António Sardinha, Afonso Lopes Vieira.

Como actor, encenador e empresário foi director do Teatro do Gerifalto, que recebeu como herança do avô, especializado em espectáculos infantis, companhia onde se estrearam nomes como Rui Mendes e Morais e Castro, e da Companhia Nacional de Teatro.



MOCIDADE PORTUGUESA

Ela era a bandeira, o tambor que rufava,
O ideal de uma Pátria de heroísmo e grandeza.
Dizia coração e Sol quem lhe chamava
A Mocidade Portuguesa.

Marchava sobre um chão em flor recém-florido,
Cantava, pela noite, ao fogo da amizade,
Era ímpeto e ardor, contra a dor e o gemido.
Era o clangor da Mocidade.

Olhava, frente a frente, o abismo e a esperança,
E galgava o abismo e tornava certeza
A esperança erguida em fé, e o final que se alcança
Se a alma nova é Portuguesa.

Ela era o tambor que rufava, a bandeira
Que se imprime no peito, a vibrar, e que há-de
Ser sinal do futuro e a missão verdadeira
Quando já nada for verdade.

António Manuel Couto Viana

Ainda Não

Para o Poeta Gusmão, meu Amigo

Cheguei aos 87,
Sem barca à vista do cais.
Será que o tempo promete
Um ano mais?

Pra ver crescer a bisneta?
Para abraçar a amizade?
Pra continuar poeta
Do Portugal da saudade?

Ó barca, se tens o vento
De feição,
Colhe as velas, faz mais lento
O bater do coração.
Tarda o último momento:
Ainda Não!

Ilustração de **Couto Viana** por Afonso Cruz, oferecida pelo artista ao escritor por ocasião da apresentação do livro *Bichos Diversos em Versos* (2008. Lisboa: Texto) e homenagem ao autor na Casa do Artista.



António Manuel Couto Viana
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
(24.01.2010)